



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE – CAA
NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

LUCICLEIDE CRISTIANA DO PRADO

**INCLUSÃO DAS CRIANÇAS COM ESPECTRO AUTISTA NA
EDUCAÇÃO INFANTIL EM UMA ESCOLA PRIVADA NA CIDADE DE
GRAVATÁ - PE**

CARUARU
2023

LUCICLEIDE CRISTIANA DO PRADO

**INCLUSÃO DAS CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM UMA ESCOLA PRIVADA
NA CIDADE DE GRAVATÁ-PE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Pedagogia do
Campus Agreste da Universidade Federal de
Pernambuco – UFPE, na modalidade de artigo
científico, como requisito parcial para a
obtenção do grau de licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Ana Maria Tavares Duarte

CARUARU

2023

RESUMO

O autismo é uma síndrome complexa que envolve um atraso no desenvolvimento, nos primeiros anos de vida, nas interações sociais, comunicação e comportamento, com diversas causas e manifestações que expressam ampla variedade de sintomas e de respostas às intervenções adotadas. Atualmente, a inclusão escolar é entendida como uma prática que envolve atenção personalizada, e respeito às características individuais de cada aluno, oferecendo oportunidades para seu desenvolvimento. Esse trabalho teve como objeto de análise o estudo sobre os desafios enfrentados pelos professores da educação infantil perante a inclusão de alunos com TEA, partindo de que na pedagogia o processo inclusivo ainda é um assunto pouco abordado que possui uma grande carência de estudos, bem como de profissionais da área, considerando que haja uma grande importância por trás do trabalho que é desenvolvido. Desse modo, busca-se por meio da discussão teórica compreender as dificuldades enfrentadas para a inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista, contextualizar a educação infantil inclusiva; educação para crianças especiais; processo inclusivo de aluno com TEA. Como procedimentos metodológicos, utilizou-se da pesquisa qualitativa e como instrumento de coleta de dados uma entrevista semi-estruturada, na qual teve sua aplicação a duas professoras da educação infantil. Diante dos dados obtidos no decorrer desta pesquisa percebemos que esta escola apresentada se mostra preparada para atender os alunos com Transtorno do Espectro Autista, pois dispõe de profissionais qualificados e especializados para melhor atender os alunos que se fazem presentes em sala de aula, a escola disponibiliza inúmeros apoios de profissionais e com uma estrutura que oferece o ir e vir dos alunos em todos os espaços escolar.

Palavras-chave: Educação Infantil; Autismo; Inclusão.

ABSTRACT

Autism is a complex syndrome that involves delay in development, in the first years of life, in social interactions, communication and behavior, with different causes and manifestations that express a wide variety of symptoms and responses to the interventions adopted. Currently, school inclusion is understood as a practice that involves personalized attention and respect for the individual characteristics of each student, offering opportunities for their development. This work had as its object of analysis the study of the challenges faced by early childhood education teachers in the face of the inclusion of students with ASD, based on the fact that in pedagogy the inclusive process is still a subject that is little addressed and has a great lack of studies, as well as of professionals in the area, considering that there is great importance behind the work that is developed. Thus, through theoretical discussion, we seek to understand the difficulties faced for the inclusion of students with Autistic Spectrum Disorder, to contextualize inclusive early childhood education; education for special children; inclusive process of students with ASD. As methodological procedures, qualitative research was used and as a data collection instrument a semi-structured interview, in which it was applied to two teachers of early childhood education. In view of the data obtained in the course of this research, we realized that this school presented is prepared to serve students with Autistic Spectrum Disorder, as it has qualified and specialized professionals to better serve students who are present in the classroom, the school provides numerous support from professionals and with a structure that offers the coming and going of students in all school spaces.

Keywords: Early Childhood Education; Autism; Inclusion.

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) foi descrito inicialmente com base nos prejuízos em três aspectos, como relações sociais, comunicação e comportamento. Os indivíduos com autismo possuem uma inabilidade inata para se relacionarem emocionalmente com outros indivíduos, o que depende de um aspecto biológico. A partir dessa descrição inicial, surgiram muitas explicações para o autismo, em que mesmo era considerado um transtorno emocional, sendo atribuído para mães ou aos pais que tinham pouco afeto, e responsabilidade pelos filhos (LAMAR; VALENZUELA; NASCIMENTO, 2021).

O Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais, que surgiu em 2013, da Associação Americana de Psiquiatria, adotou em sua última edição a expressão Transtorno do Espectro Autista (TEA), concedendo uma maior aproximação dos casos registrados, principalmente em relação às habilidades verbais, linguísticas e comportamentais (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION [APA], 2014). Dentre as diversas explicações para o autismo, tem-se destacado nos últimos anos duas perspectivas, nas quais englobam o desenvolvimento e a cognição. Em relação ao desenvolvimento, tem como base compreender como ocorre este processo nas crianças com autismo, um certo desvio no desenvolvimento, o que pode estar relacionado a problemas biológicos, que acarretam em um prejuízo na interação social, assim como no desenvolvimento da linguagem e no indivíduo como um todo (PAULON; FREITAS; PINHO, 2022).

A perspectiva cognitiva defende que, no autismo, há uma incapacidade na compreensão do estado mental das outras pessoas, condição essa que é atribuída a um prejuízo no mecanismo cognitivo. Assim o autismo é explicado, por essa perspectiva, em termos de uma teoria da mente, que diz respeito à capacidade de deduzir sobre os estados mentais dos outros (SANTANA; SILVA, 2019).

O autismo é uma síndrome complexa que envolve retardamento no desenvolvimento, nos primeiros anos de vida, nas interações sociais, comunicação e comportamento, com diversas causas e manifestações que expressam ampla variedade de sintomas e de respostas às intervenções adotadas (PEREIRA; BRITO, 2022). Considerando a importância de estimular as habilidades e de favorecer as interações sociais precocemente, a inclusão escolar dessas crianças tem sido indicada por profissionais de diversas áreas. Embora a inclusão escolar seja considerada e questionada por profissionais, devido às características pertinentes da síndrome, o presente trabalho considera a importância da inclusão escolar para as crianças com espectro

autista apoiado em estudos que reconhecem essa prática como sendo realizável e possível (PAULON; FREITAS; PINHO, 2022).

Atualmente, a inclusão escolar é entendida como uma prática que envolve atenção personalizada, e respeito às características individuais de cada aluno, oferecendo oportunidades para o seu desenvolvimento. Movimentar a instituição para uma prática inclusiva parece ser um trabalho de articulação no sentido de criar escuta, possibilidades de compartilhamento e intervenção orientadas pelo compromisso com os valores humanos. Aponta-se, para a relevância que os profissionais das escolas têm de se apropriarem da proposta de inclusão escolar, sobretudo o professor, pois este é o profissional que lida diretamente com o aluno, sendo o agente mais eficaz no processo de inclusão, há ainda a necessidade de supervisão e orientação, de maneira que o professor seja ajudado a refletir sobre sua prática e sobre as intervenções que executa, no processo de inclusão (COSTA *et al.*, 2022).

A concretização da inclusão escolar no Brasil é dificultada por diversos fatores, nos quais, podem englobar políticos, sociais, econômicos e principalmente históricos e culturais. Em face das especificidades intrínsecas ao TEA, as práticas inclusivas nesta área envolvem uma série de variáveis, que podem incluir a disponibilidade da direção em receber e realizar as adequações necessárias, experiência, formação, crenças e características pessoais dos professores, dos demais alunos inseridos na sala de aula, participação dos familiares e, principalmente, as características da criança do espectro autista em termos de diferentes níveis de comprometimento nas áreas de comportamento, linguagem e socialização (BRASIL, 2017).

Ademais, são consideradas as diferenças nas práticas escolares que ocorrem a partir de variações históricas, culturais e contextuais, tais aspectos devem ser considerados, sobretudo como a aprovação da Lei nº. 12.764/2012, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (BRASIL, 2015), garantindo a esse indivíduo, dentre outros direitos, o acesso à educação.

Sendo assim, para que ocorra um ensino de qualidade é de suma importância que os professores conheçam seus alunos e passem por um processo formativo constante, para promover uma aprendizagem significativa. Seguindo a perspectiva de uma educação inclusiva, a mesma permite que aconteça a interação entre alunos, o que favorece para a quebra de estigmas e preconceitos, realizando uma mudança na visão arcaica, de que uma pessoa portadora de alguma necessidade especial, pode lidar com suas próprias diferenças dentro da diversidade escolar (REZENDE; SOUZA, 2021).

A partir da singularidade que existe nos processos de ensino dessas crianças, em relação à perspectiva da Educação Inclusiva e ao direito de todas as pessoas com necessidades educacionais especiais a frequentarem uma escola, a realização do presente trabalho é motivada pela necessidade de analisar as práticas de Educação Inclusiva de alunos com TEA, a partir dos relatos dos profissionais da Educação Infantil do Município de Gravatá - PE, motivado pelo número de crianças com TEA crescente no município, e pela mobilização dos pais, por uma educação inclusiva.

Diante disto, este artigo consiste em uma pesquisa de campo, de natureza qualitativa, realizada na cidade de Gravatá – PE, com professoras de uma escola privada, que tem como objetivo geral compreender os principais desafios enfrentados por professores da educação infantil em uma escola privada, na cidade de Gravatá – PE no processo inclusivo de alunos com transtorno do Espectro do Autismo (TEA). Objetivando dessa maneira, chegar às respostas à questão norteadora que deu início a esta pesquisa: Quais os desafios enfrentados por professores da educação infantil em uma escola privada no Município de Gravatá – PE, no processo inclusivo de alunos com Transtorno do Espectro do Autismo TEA? Assim, tendo como objetivos específicos: Identificar fatores que causam dificuldades na interação de alunos autistas com seus respectivos professores; Mapear as estratégias utilizadas pelos professores na interação com os alunos autistas; Analisar como ocorre o processo inclusivo dos alunos autistas frente ao ambiente escolar coletivo.

Esse trabalho teve como objeto de análise o estudo sobre os desafios enfrentados pelos professores da educação infantil perante a inclusão de alunos com TEA, partindo do **pressuposto** de que na pedagogia o processo inclusivo ainda é um assunto pouco abordado que possui uma grande carência de estudos, bem como de profissionais da área, considerando que haja uma grande importância por trás do trabalho que é desenvolvido.

Como justificativa pessoal, o interesse por essa temática surgiu mediante o desejo pessoal da autora em contribuir com a área abordada, já que a mesma possui uma parente na qual se introduz na temática, gerando dúvidas e anseios relacionado a inclusão das crianças autistas em sala de aula.

2 DISCUSSÃO TEÓRICA

2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL INCLUSIVA

A forma de ensino no Brasil era em formato de segregação, no passado se tinha uma visão na qual crianças que possuísem deficiências ou necessidades especiais, eram ineducáveis, ou seja, não poderiam passar por um processo educacional, fundamentando o sistema de segregação (REZENDE; SOUZA, 2021).

Com a chegada do século XIX, foram inseridos em âmbito escolar os alunos que possuísem necessidades especiais, porém não houve um processo inclusivo, sendo assim não era priorizado as necessidades de aprendizado e desenvolvimento educacional dos alunos. Sobre tudo, foi a partir da década de 1990 que surgiu diversas propostas a respeito da educação inclusiva, nas quais viabilizavam a estimulação das habilidades, priorizando o respeito as diversidades e necessidades especiais dos estudantes (BRASIL, 2017).

A Conferência Mundial sobre Necessidades Educacionais Especiais que foi realizada em 1994, resultou em um documento extremamente importante para a inclusão escolar no mundo todo, chamada de “Declaração de Salamanca”, na qual tratava dos princípios, políticas e práticas com o objetivo igualitário para todos os indivíduos, tanto para aqueles que são portadores de deficiências, quanto para quem não possuísse nenhuma. Segundo a Declaração de Salamanca (1994) “as crianças e os jovens com necessidades educacionais especiais devem ter o acesso às escolas, onde elas devem se adequar através de uma pedagogia voltada para a inclusão e centrada na criança, que seja capaz de atender as suas necessidades.

Conforme a Declaração de Salamanca (1994), as necessidades educativas especiais, devem estar relacionadas:

com deficiências ou dificuldades escolares. Muitas crianças apresentam dificuldades escolares e, conseqüentemente, têm necessidades educativas especiais, em determinado momento da sua escolaridade. As escolas terão de encontrar formas de educar com sucesso estas crianças, incluindo aquelas que apresentam incapacidades graves.

Os posicionamentos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), do Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) e da Política Nacional de Educação Especial (BRASIL, 2007) corroboram com o que foi proposto pela Conferência Mundial de Educação para Todos (1990) e pela Declaração de Salamanca (1994), que defendem a importância de se universalizar o acesso à educação e promover a equidade nesse sentido.

2.2 EDUCAÇÃO PARA CRIANÇAS ESPECIAIS

No Brasil a educação para crianças com necessidades especiais, é assegurada pela Constituição Federal, seguindo o Artigo 205, onde fala sobre a educação, sendo está um direito de todos e dever do Estado e da família e deve ser promovida e incentivada em colaboração com a sociedade. Já no capítulo III (Art.208) enfatiza “a garantia de: (...) atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede de ensino” (BRASIL, 1988).

Apesar do que é proposto em toda a legislação, no que se refere ao atendimento de alunos com necessidades especiais, Weizenmann; Pezzi; Zanon, (2020) ao pesquisar sobre TEA no ensino infantil, os anos iniciais em uma escola brasileira, refletem sobre as dificuldades e os desafios que são enfrentados por uma professora, que se sentiu ansiosa para trabalhar com alunos que fossem portadores do Transtorno do Espectro Autista, questionando-se como poderia estar trabalhando no seu dia a dia, pois o aluno era obviamente diferente dos demais.

A professora identificou que o mesmo era portador de TEA, e que consequentemente teria um pouco mais de trabalho no processo inclusivo do mesmo, onde seria necessário mais atenção do que outros alunos que não possuem algum tipo de deficiência. Relacionado aos procedimentos de aprendizagem aderido pela professora, em seu depoimento, a adoção de um ensino homogêneo era o que deveria ser priorizado, visto que uma sala de aula com alunos que possuem deficiências é necessário um nivelamento do processo de ensino, para que ocorra a inclusão e uma boa adaptação dos alunos com deficiência, junto aos que não possuem necessidades especiais (WEIZENMANN; PEZZI; ZANON, 2020).

Foi notado que, quanto mais ocorria interação com o aluno portador da TEA e as outras crianças nas atividades em sala de aula, seu desenvolvimento, a capacidade de interagir e de socializar se tornou mais frequente, melhorando seu convívio com outros alunos, e respectivamente em sociedade.

Com base nos estudos de Weizenmann; Pezzi; Zanon, (2020), foi observado que para ocorrer uma melhor ligação entre professor e aluno, é necessário que ele possa reconhecer e identificar as dificuldades e habilidades que necessitam ser desenvolvidas e de uma atenção maior, preconizando um planejamento educacional mais conciso para facilitar o processo de aprendizagem, e de melhor interação com a sociedade e com o ambiente escolar.

2.3 PROCESSO INCLUSIVO DE ALUNO COM TEA

A proposta pedagógica da escola traz o retrato do que acontece no processo inclusivo nesse espaço. É através da análise da proposta pedagógica que podemos observar se a instituição trabalha com a inclusão nos seus projetos. Sabendo que a inclusão é o caminho para a garantia do direito à educação de todos, tendo como prerrogativas os direitos humanos e uma postura profissional voltada para proposições do direito de aprender (LENZ *et al.*, 2020).

A escola, a partir da organização sistemática divide os alunos em “normais e deficientes”, o ensino em regular e especial, os professores em profissionais especialistas. Isso traz uma visão de exclusão, resultado do ideário moderno, que ignora o lado mais humano e destaca o que é técnico, romper o tradicional e aderir ao novo, não é fácil, reconhecer a inclusão escolar e social, na interface das contradições excludentes, é vislumbrar uma sociedade com novas possibilidades de uma educação para todos e um fazer pedagógico que requer estudos, reflexões, adesão e vontade de optar por uma prática menos excludente (CARNEIRO; SILVA; FARIAS, 2021).

A formação de professores deve ser contínua, tendo em vista a atualização e a participação no processo inclusivo de outros profissionais, ou seja, uma equipe multidisciplinar que favoreça um processo mais completo, capaz de compreender de forma coletiva os motivos que levam muitas crianças e adolescentes à não conseguirem ter a escola como um locus de aprendizagem, igualdade, amizade e respeito. Para que o professor possa desenvolver com êxito as atividades em sala de aula (CARVALHO *et al.*, 2021).

O professor precisa se avaliar e avaliar os instrumentos que têm disponíveis, nas práticas avaliativas de alunos com TEA, que ajudam ao professor na tomada de decisões. Sugestões para essas avaliações: jogos, desenhos e pareamentos para, a partir disso, o professor definir o seu projeto pedagógico com o aluno com TEA. Essas atividades poderão ser elaboradas buscando-se modelos e sugestões conforme o que for obtido na atividade diagnóstica pedagógica com ajuda da equipe multidisciplinar e a anamnese com os pais. Partindo desse processo avaliativo o professor poderá tirar suas conclusões sobre as maiores dificuldades do aluno, interesse ou habilidades (SOUSA; RODRIGUES; SANTOS, 2022).

3 CAMINHO METODOLÓGICO

A pesquisa que se pretende realizar através deste projeto possui caráter qualitativo. Enquanto procedimentos para a pesquisa, serão adotados a Análise de Contéudo de Bardin (2004), quanto a coleta de material bibliográfico, sobre o tema será realizada a partir de livros e artigos científicos relacionados com o respectivo tema, além de consultas aos documentos de referência, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), Lei de inclusão, e muitos outros.

Segundo Santos e Morosini (2021, p. 129), a pesquisa de campo é um tipo de estudo no qual, tem o objetivo de buscar as informações necessárias, diretamente da população a ser estudada, esse tipo de pesquisa exige que o indivíduo a realizar o estudo vá de encontro direto para a coleta dos dados, que irá compor o estudo.

No âmbito da pesquisa de campo será utilizado como instrumento a aplicação de uma entrevista semiestruturada a duas professoras em uma escola privada de Gravatá - PE que possui alunos com TEA matriculados e com frequência regular. Pretende-se assim realizar uma análise de como vêm ocorrendo o processo de inclusão desses alunos, fazendo uma integração destes dados com os dados obtidos na pesquisa bibliográfica. Após as respostas obtidas pelas entrevistas, serão buscadas por professoras, que atuem na docência dos anos iniciais da educação infantil, onde compreenderá o perfil dessas professoras. Desse modo, o método aderido será a Análise do Discurso, visto que as entrevistadas poderão falar livremente sobre o assunto, mas com a condução da entrevistadora para não ocorrer desvio do tema original.

Em relação às entrevistas, estas serão registradas e realizadas em forma de diálogo com professoras da educação infantil, onde seguirá o seguinte roteiro:

- Quanto tempo de formação, qual tipo de formação possui?
- Existe alguns especialização para trabalhar com autistas?
- Quais os desafios dos professores para a inclusão das crianças com autismo?
- Quais os recursos pedagógicos utilizados pelo professor diante da inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista? Poderia trazer exemplos?
- Qual o papel do professor frente a inclusão dos alunos autistas na educação infantil?
- Há alguma parceria entre a escola e entes locais de atendimento especializado?

Se trata de um roteiro flexível, cujas questões podem ser ampliadas ou retidas, os dados a serem coletados e analisados da pesquisa de campo, poderão facilitar um melhor entendimento dos desafios enfrentados pelos educadores e a importância da inclusão educacional dos alunos com TEA nas escolas privadas do município de Gravatá-PE. A pesquisa foi realizada em uma escola da rede privada no município de Gravatá devido à falta de acessibilidade nas escolas municipais/estaduais da rede pública, sendo assim percebemos que existe uma limitação que dificulta os pesquisadores que têm algum tipo de deficiência a fazerem pesquisas nas redes públicas.

4 DISCUSSÃO DOS DADOS

Contextualizando o nosso campo de pesquisa, a seguir, descreveremos como algumas características da escola. A escola na qual as professoras A e B lecionam possui mais de 850 alunos matriculados nos turnos de manhã e tarde. A instituição é considerada de grande porte, atende da Educação Infantil ao Ensino Médio. A escola dispõe de uma quadra poliesportiva, dois prédios, ambos com dois andares, sendo um que atende do Ensino Fundamental ao Ensino Médio, com 15 salas de aula, e outro logo a frente que atende à Educação Infantil. Este último prédio possui 10 salas de aula, secretaria, pátio e área de recreação. Um ambiente acolhedor é crucial para o processo de interação social e inclusão. A instituição conta também com uma sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), com uma psicopedagoga. Vale ressaltar que esse atendimento acontece no contraturno. Ou seja, se um aluno estuda pela manhã, será atendido no período da tarde e vice versa.

É importante destacar, ainda, que a psicopedagoga dá um suporte para os professores durante a elaboração das atividades pedagógicas, auxiliando as professoras com possíveis dificuldades apresentadas pelos alunos com TEA e contribuindo para a inclusão desses alunos.

Dessa maneira, quando se fala em inclusão, não se pode deixar de pensar no papel do professor frente a esse processo, pois ele é fundamental dentro da escola e se reflete em toda sociedade, pois ele é um agente ativo na formação de um indivíduo. E com as mudanças sociais que vêm ocorrendo na sociedade, novas funções recaem sob responsabilidade desse profissional, esse profissional deve se preparar para lidar com as situações desafiadoras no dia a dia, incluindo a educação da criança com transtorno do espectro autista (MELO *et al.*, 2021)

Assim, as crianças necessitam de um modelo para ser seguido, o professor além de ser um educador e mediador, atua como dirigente de aprendizagem. Ele tem ação de orientar e motivar os alunos. Ele facilita o acesso ao desenvolvimento e conhecimento, avaliando e executando experiências para a construção da aprendizagem (LOPES; TELASKA, 2022).

Levando em consideração o lugar privilegiado da docência, entrevistamos duas Professoras que denominaremos de: Professora A (regente) e a Professora B (auxiliar), docentes do ensino infantil com alunos portadores de TEA. Para a Professora A, a inclusão é materializada por meio da ludicidade. Segundo ela:

O principal é a ludicidade, é algo que percebemos que chama a atenção dos alunos principalmente os autistas e com isso buscamos incluir o lúdico em todas as formas para que os alunos possam ser incluídos e aprendam de acordo com as suas especificidades (PROFESSORA A).

Desse modo, para incluir as crianças com necessidades especiais, é importante que a docente recepcione e estabeleça o primeiro contato com a criança, via jogos e brincadeiras. A professora é uma grande responsável por efetivar ou não o processo de inclusão, pois é seu dever criar possibilidades de desenvolvimento para todos, adequando sua metodologia às necessidades diversificadas de cada aluno (NOGUEIRA *et al.*, 2021).

Ainda seguindo explicitando a importância da inclusão e uma educação inclusiva para a Professora A, temos a fala a seguir:

Eu acredito que envolve realmente o incluir, ou seja, a importância de incluir de fato essas crianças que têm necessidades especiais, é algo que considero muito importante, a inclusão. E isso requer que nós professores reelabore tanto os métodos de ensino como a forma de agir dentro da sala de aula, pois até então nós professores estávamos acostumados com alunos ditos como normais. Porém, agora temos outros alunos, então temos que modificar os fatos que podem levar esses alunos (à aprendizagem) (PROFESSORA A).

Para além da utilização da ludicidade como inclusão, segundo a Professora B (auxiliar), faz-se necessário que as atividades sejam sempre elaboradas especificadamente para cada aluno autista. Conforme Professora B (auxiliar), a mesma pontua que:

As atividades, em hipótese nenhuma pode ser do mesmo jeito que para o A, B, C, por que cada aluno tem seu jeito diferente de aprender e de desenvolver em sala de aula e com isso requer que as atividades sejam elaboradas especificamente para cada um desses alunos, estamos sempre buscando criar e recriar estratégias que façam sentido e surjam resultados para todos os alunos, principalmente os autistas, que requerem uma atenção a mais e fazer diferenciado, de modo que atenda o que eles necessitam em sala de aula (PROFESSORA B).

Na perspectiva de levar em consideração as especificidades de cada aluno no processo de ensino e aprendizagem, o professor deve ter a responsabilidade de desenvolver atividade de acordo com o grau de conhecimento da criança, para que ela possa desempenhar as atividades de forma correta, possibilitando o surgimento de novas aprendizagens e o avanço no desenvolvimento de atividades escolares. Além do exposto, o professor deve desenvolver na também na criança a autoconfiança e a independência.

Assim, a fala abaixo da Professora A materializa os dois aspectos relevantes para o ensino e aprendizagem das crianças autistas: ludicidade e especificidade. Para a Professora A, as intervenções pedagógicas:

Busco trabalhar muito com o lúdico, materiais concretos, algo que eles possam manusear, materiais que envolvem tanto eles no momento das atividades como as outras crianças, buscamos focar e envolver a coletividade, as intervenções nos planejamentos das atividades adaptadas. Nós professoras

estudamos cada criança de uma forma diferente, pois cada uma tem suas particularidades (PROFESSORA A).

Desta forma, a inclusão de crianças autistas na classe regular implica no desenvolvimento de ações adaptativas, visando a flexibilização, para que possa ser desenvolvido de maneira afetiva em sala de aula, e atender às necessidades individuais de cada aluno. Nesse caminho, a Professora A expõe alguns desafios relacionados ao processo inclusivo dos alunos com TEA:

Um dos maiores desafios é a resistência deles por muitas das vezes de não querer o contato físico com outras crianças por não quererem se incluir com seus pares tanto nas atividades em grupo, no brincar, na hora das atividades, ou em algum momento coletivo. Posso dizer que é desafiador todos os dias e temos algo diferente. A demanda é gritante, eu tenho três alunos autistas e posso afirmar que é desafiante, pois cada um tem seu jeitinho de ser e aprender e com isso requer algo que seja de acordo com cada um(a) (Professora A).

Nesse sentido, para o aluno com autismo, o que mais importa é a aquisição de habilidades sociais e a autonomia. Para que a criança não se torne um adulto incapaz de realizar tarefas simples do dia a dia, ela precisa aprender atividades que a tornará mais independente durante seu crescimento. Essas atividades são escolhidas em razão da sua utilidade. Na inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista, o professor servirá como referência durante todo percurso escolar. Inicialmente será necessário estabelecer uma aproximação com o aluno. O professor, além de estudar e analisar o desenvolvimento dessa criança, tem a função de tornar a sala de aula um ambiente inclusivo, possibilitando às crianças o conhecimento das diferenças e o incentivo para que elas desenvolvam o companheirismo (CABRAL; FALCKE; MARIN, 2021).

A Professora A (regente) e a Professora B (auxiliar) afirmam que prezam por um ensino de qualidade, inovando, e aperfeiçoando suas práticas, abandonando as que não contemplam todos os alunos e, permanecendo com aquelas práticas que podem ser benéficas, mesmo se somadas a outras novas. Essas práticas são sempre atualizadas de acordo com os novos desafios a serem enfrentados por esses alunos e com o objetivo de formar seres humanos capazes de interpretar a sua realidade e pensar o mundo de forma ativa. Vale ressaltar o esforço de ambas as professoras, em fazer o melhor para atender a todos os alunos, principalmente os atípicos. A Professora A diz que:

A partir do momento que foi crescendo o número de alunos autistas em sala de aula, foi em busca de se apropriar mais sobre como ensinar e avançou na medida em que pesquisou sobre o Autismo. Busquei o máximo de recursos disponíveis, atentei aos interesses das crianças, busquei saber até onde podia

exigir, atentei para as características pessoais de cada um dos alunos, passando a observar como os mesmos se comportam diante das atividades e criei novas estratégias para serem desenvolvidas, e a partir dos conhecimentos obtidos, pode perceber que no momento de realizar as atividades, o lúdico é considerado um método ímpar, no processo de aprendizagem dos alunos Autistas, pois tem como objetivo que os mesmos guardassem o máximo de informações, considerando suas limitações, além de estabelecer um vínculo afetivo.

Como sabemos, nos dias atuais temos em sala de aula os alunos com Transtorno do Espectro do Autismo, e isso requer que os professores estejam dispostos a fazerem diferente em sala de aula, de modo que atenda as especificidades dos alunos atípicos e os não atípicos. Diante do exposto, perguntamos as Professoras A (regente) e a professora B (auxiliar) sobre a importância do professor frente ao processo de ensino das crianças autistas na Educação Infantil.

Tanto a Professora A (regente) e a Professora B (auxiliar) afirmam que tal profissional é um mediador essencial no processo de adaptação e interação do aluno no âmbito escolar. Nós professores devemos estar realmente preparados profissionalmente para receber todos os alunos, principalmente os autistas, observando sempre os recursos disponíveis para poder incluir esses alunos atípicos de forma que todos tenham uma aprendizagem satisfatória e que atenda o que esses alunos necessitam e têm por direito em sala de aula, um processo de ensino que prioriza suas especificidades.

Seguindo e explicitando sobre a importância do professor no processo inclusivo dos alunos com Transtorno do Espectro do Autismo, a Professora A(regente) pontua que atua há seis anos nesta instituição de ensino, mas ressalta que já lecionou em outras instituições públicas, porém as mesmas não tinham alunos atípicos presentes na turma, e que a partir do momento que adentrou nesta instituição de ensino, se deparou com alunos autistas foi em busca de se especializar para poder atender adequadamente as necessidades dos alunos autistas e que para além da formação em Pedagogia, está cursando Neuropedagogia.

A Professora A (regente) ressalta, que um ponto importante no processo de aprendizagem dos alunos autistas é a parceria que existe entre instituição e clínica de atendimento especializado, pois ambas devem estar entrelaçadas, para que nós professores através do que aprendemos nas formações para que nossa atuação ocorra de forma que atenda as especificidades dos alunos atípicos.

É importante ressaltarmos que tanto a Professora A (regente) como a Professora B (auxiliar) atuam na mesma sala com alunos da educação infantil que têm transtorno do Espectro Autista e que durante a nossa entrevista ao perguntarmos sobre as questões acima, ambas comungam no mesmo pensar sobre o que se refere a importância do professor, e sobre especialização para trabalhar com autistas. A Professora B (auxiliar), ela nos diz que sim, a pós-graduação, e com isso temos várias especializações que se enquadre realmente na área, haja vista, muita curiosidade e sempre na busca de mais e mais conhecimento, temos a psicomotricidade, que é destaque nos dias atuais, temos também a Educação Inclusiva e temos também Psicopedagogia, a Neuropedagogia, ou seja, é um conjunto que se enquadra dentro de todos os requisitos escolares.

Quando falamos na importância do professor para o processo inclusivo dos alunos autistas, podemos pensar também em sua formação. Consequentemente buscamos saber quanto tempo a Professora B (auxiliar) atua nesta instituição de ensino, a mesma pontua que o tempo de formação, qual tipo de formação possui a Professora B (auxiliar), diz que eu atuo nesta instituição apenas a três meses, porém o trabalho em outra instituição privada no turno da tarde que tem três alunos autistas.

Diante disso, é essencial que o professor fique atento quando for planejar e desenvolver práticas pedagógicas que estimulem a capacidade de concentração do aluno, incentivando-o e buscando formas de incentivar a independência e autonomia diária, por meio de atividades, jogos ou brinquedos que representem e exercitem aspectos da vida cotidiana, fazer um planejamento para o aluno com Transtorno do Espectro Autista com atividades para comunicação, cognição, linguagem, desenvolvimento motor, socialização, desenvolvimento no foco de atenção.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa revelou que a inclusão dos alunos com autismo na escola regular ainda é um desafio constante aos professores, à escola, à família e ao próprio aluno. Foi possível constatar que mesmo sendo considerado com um grande desafio, o processo de ensino e aprendizagem dos alunos com TEA, as professoras mostraram ter conhecimento sobre o assunto. Com relação às estratégias utilizadas, foi ratificado que essas estratégias se aliaram às aprendizagens dos alunos com Transtorno do Espectro Autista tanto na rotina, como no seu desenvolvimento integral.

Ao longo do que foi exposto, diversos fatores estão associados a dificuldade na interação de alunos autistas com seus respectivos professores. Como a relutância em ter contato físico, a falta de habilidades sociáveis, que influencia diretamente no nível de interação com professores e colegas em sala de aula. A escassez de atendimento especializado para alunos com TEA é um fator considerável, já que a falta de tratamento especializado, quando necessário tem ligação direta com pontos negativos evidenciados em alunos, seguindo com uma baixa interação entre professores e os mesmos.

Um dos instrumentos mais utilizados pelas professoras para aumentar seu nível de interação, foram materiais que insere o lúdico na rotina de sala de aula, já que esses objetos chamam a atenção do aluno, é possível estabelecer uma conexão através de atividades que exijam o foco e a interação do aluno tanto como o professor que conduz, quanto com outros

que também interagem, trazendo assim uma atividade social na qual pode melhorar seu desempenho perante a sociedade na qual o mesmo está inserido.

Foi evidenciado ao longo das falas das professoras, a importância das atividades elaboradas em sala de aula, com objetivo de incluir todos na dinâmica aplicada, o sentido de coletividade se aprimora quando se é implantado, exercícios que configuram uma maior atividade em grupo, que cada um tenha um papel a ser desenvolvido. Deste modo, no que se refere ao processo inclusivo destes alunos, compreende-se que os alunos com autismo foram acolhidos com muita receptividade tanto pelas professoras como pela referida escola, embora as professoras apresentem ainda certa dificuldade no processo de inclusão dos alunos com autismos.

Diante dos dados obtidos no decorrer dessa pesquisa percebemos que esta escola se mostrou disponível para atender aos alunos com Transtorno do Espectro Autista, pois dispõe de profissionais qualificados e especializados para melhor acolher os alunos que se fazem presentes em sala de aula.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento 5. ed. Dados eletrônicos. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BARDIN, L. (2004). **Análise de conteúdo**. (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trans.). Lisboa: Edições 70. 3.ed.

BRASIL. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Brasília, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em 28 de setembro, 2022.

BRASIL. **Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em 28 de setembro, 2022.

BRASIL. **Declaração de Salamanca. Brasília: Unesco, 1994**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em 28 de setembro, 2022.

BRASIL. **Ministério da Educação - MEC. A Consolidação da inclusão escolar no Brasil: 2003 a 2016. Brasília, 2017**. Disponível em: <http://www.ufpb.br/cia/contents/manuais/a-consolidacao-da-inclusaoescolar-no-brasil2003-a-2016.pdf>. Acesso em 28 de setembro, 2022.

CABRAL, C. S.; FALCKE, D.; MARIN, A. H. Relação Família-Escola-Criança com Transtorno do Espectro Autista: Percepção de Pais e Professoras. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 27, 2021.

CARNEIRO, L. V.; SILVA, V. P. O.; FARIAS, F. L. V. Desafios no processo de educação inclusiva para crianças com Transtorno do Espectro Autista. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 6, 2021.

CARVALHO, A. S. M. *et al.* TEA, família e escola - O trabalho em conjunto, relação de empatia. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 15, p. e136101522820–e136101522820, 2021.

COSTA, W. C. P. *et al.* O Transtorno do Espectro Autista e a Educação Inclusiva sob a perspectiva de docentes em duas escolas de Belém no estado do Pará. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 10, e518111033275, 2022.

LAMAR, A. C. P.; VALENZUELA, R. C.; NASCIMENTO, R. S. Autismo: Inclusão da criança autista na sala de aula. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação-REASE**, v. 7, n. 10, p. 1288-1298, 2021.

LENZ, G. *et al.* Desafios no processo de escolarização de crianças com autismo no contexto inclusivo: diretrizes para formação continuada na perspectiva dos professores. **Educação em Revista**, v. 36, p. 214220, 2020.

LOPES, D. A.; TELASKA, T. S. Inclusão de crianças com transtorno do espectro autista: Revisão sistemática da literatura. **Revista Psicopedagogia**, v. 39, n. 120, 2022.

MELO, H. P. *et al.* O transtorno do espectro autista e seu impacto no desenvolvimento infantil: uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 3, p. e52610312620, 2021.

NOGUEIRA, S. L. L. *et al.* Inclusão do Aluno com Transtorno do Espectro Autista nas Escolas de Ensino Regular na Visão Parental: Uma Revisão Narrativa. **Educação Inclusiva, Especial e Políticas de Inclusão**, p. 94–113, 2021.

PAULA, J. B.; PEIXOTO, M. F. A inclusão do aluno com autismo na educação infantil: desafios e possibilidades. **Cadernos da Pedagogia**, v. 13, n. 26, p. 31-45, 2019.

PAULON, S. M.; CERQUEIRA, A. C. DE; MARTINS, F. G. Estranhamentos na Pesquisa Bibliográfica: invenção cartográfica na busca sistemática. **Educação em Perspectiva**, v. 10, p. e019020, 2019.

PAULON, S. M.; FREITAS, L. B. L.; PINHO, G. S. **Documento subsidiário à política de inclusão** – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/docsubsidiariopoliticaedeinclusao.pdf>. Acesso em 28 set. 2022.

PEREIRA, G. T. M.; BRITO, W. A. Inclusão Escolar e o Transtorno do Espectro Autista. **Revista Apae Ciência**, v. 17, n. 1, p. 32-45, 2022.

REZENDE, L. F.; SOUZA, C. J. O trabalho pedagógico e a inclusão escolar para crianças com transtorno do espectro do autismo (TEA). **Research, Society and Development**, v. 10, n. 13, p. e460101321486, 2021.

SANTANA, A. N.; SILVA, J. B. Desenvolvimento cognitivo da autoconsciência em indivíduos com autismo: contribuições para a compreensão do cotidiano educacional. **Brazilian Journal of Development**, v. 5, n. 4, p. 3242-3251, 2019.

SANTOS, P. K.; MOROSINI, M. C. O revisitar da metodologia do estado do conhecimento para além de uma revisão bibliográfica. **Revista Panorâmica**, v. 33, p. 123-145, 2021.

SOUSA, A. J.; RODRIGUES, M. C. N.; SANTOS, T. B. A Importância da Ludicidade no Processo de Aprendizagem do Aluno com Transtorno do Espectro Autismo - TEA. **Epitaya E-books**, v. 1, n. 1, p. 55–65, 2022.

WEIZENMANN, L. S.; PEZZI, F. A. S.; ZANON, R. B. Inclusão Escolar e Autismo: Sentimentos e Práticas Docentes. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 24, 2020.



UNIVERSIDADE
FEDERAL
DE PERNAMBUCO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

LUCICLEIDE CRISTIANA DO PRADO

**INCLUSÃO DAS CRIANÇAS COM ESPECTRO AUTISTA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL EM UMA ESCOLA PRIVADA NA CIDADE DE GRAVATÁ - PE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Pedagogia, Campus do
Agreste, Universidade Federal de Pernambuco, como
requisito parcial para a obtenção do título de
Licenciada(o) em Pedagogia.

Caruaru, 08 de maio de 2023.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Ana Maria Tavares Duarte

NFD/CAA – UFPE

(Orientadora)

Profa. Dra. Ana Maria De Barros NFD/CAA – UFPE
(Examinadora Interna)

Profa. Rauane Bezerra Silva
NFD/CAA - UFPE
(Examinadora Interna)